

MARTIN AMIS

A Zona de Interesse

Tradução

Donaldson Garschagen



Copyright © 2014 by Martin Amis
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Zone of Interest

Capa
Kiko Farkas e Ana Lobo/ Máquina Estúdio

Foto de capa
© Bayerische Staatsbibliothek München/ Bildarchiv

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Adriana Bairrada
Huendel Viana

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amis, Martin
A Zona de Interesse / Martin Amis : tradução Donaldson Garschagen — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original : The Zone of Interest
ISBN 978-85-359-2582-1

1. Ficção inglesa I. Título.

15-02604

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2015]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

- I. A Zona de Interesse, 11
- II. A rotina, 55
- III. Neve cinzenta, 113
- IV. Neve parda, 183
- V. Morto e vivo, 261
- VI. A noite de Valpúrgis, 309
- Consequências, 343

Agradecimentos e posfácio: “Aquilo que aconteceu”, 381

I. A ZONA DE INTERESSE

1. Thomsen: à primeira vista

Eu já tinha visto o clarão do raio antes. Já conhecera o raio e o trovão. Com uma experiência digna de inveja nessas questões, eu conhecia o aguaceiro — o aguaceiro e, depois, o sol e o arco-íris.

Ela voltava da Cidade Velha com as duas filhas, e já estavam bem dentro da Zona de Interesse. Mais adiante, esperando para recebê-las, estendia-se uma alameda de bordos, quase uma colunata, com os galhos e as folhas lobadas entrelaçadas no alto. A tarde de verão já ia avançada, com minúsculos mosquitos reluzentes... Minha caderneta estava aberta sobre um toco de árvore e a brisa a folheava, curiosa.

Alta e corpulenta, mas ágil, com um vestido branco pregueado que descia até os tornozelos e um chapéu de palha creme com uma fita preta, balançando uma bolsa de palha (as meninas, também de branco, usavam os mesmos chapéus e bolsas de palha), ela ora entrava, ora saía de espaços de luz castanha ou fulva. Ria, jogando a cabeça para trás, esticando o pescoço. Movendo-me

em paralelo, eu a acompanhava com meu terno de tweed bem cortado, a prancheta e a caneta-tinteiro.

As três cruzaram o caminho da Academia de Hipismo. Com as filhas a rodeá-la, ela passou pelo moinho ornamental, pelo mastro do Primeiro de Maio, pelo patíbulo de três rodas, pelo cavalo de tiro preso frouxamente na bomba d'água de ferro, e continuou seu caminho.

Entrando no Kat Zet — no Kat Zet I.

Alguma coisa aconteceu à primeira vista. Raio, trovão, aguaceiro, sol, arco-íris — a meteorologia da primeira vista.

Seu nome era Hannah — Frau Hannah Doll.

No Clube dos Oficiais, sentado num sofá de crina, cercado por enfeites e gravuras de cavalos, e tomando uma imitação de café (café para cavalos), eu disse a Boris Eltz, meu amigo da vida inteira:

“Por um instante, me senti jovem de novo. Foi como o amor.”

“Amor?”

“Eu disse *como* o amor. Não faça essa cara de choque. *Como* o amor. Uma sensação de inevitabilidade. Você sabe. Como o surgimento de um romance longo e maravilhoso. Amor romântico.

“Déjà-vu e a bobageira de sempre? Continue. Refresque-me a memória.”

“Bem... Uma admiração sofrida. Sofrida. E sentimentos de humildade e desmerecimento. Como com você e Esther.”

“Isso é inteiramente diferente”, disse ele, erguendo um dedo

na horizontal. “Foi uma coisa paternal. Você entenderá quando a conhecer.”

“Está bem. Aí aquilo passou e eu... Eu comecei a imaginar como ela seria sem roupa.”

“Aí está, viu só? Eu nunca imagino Esther sem roupa. Se isso acontecer, vou ficar horrorizado. Olho para o outro lado.”

“E você ia olhar para o outro lado, Boris, se fosse Hannah Doll?”

“Hum. Quem diria que o Velho Bebum arranjaría uma pessoa tão qualificada.”

“Eu sei. É inacreditável.”

“O Velho *Bebum*. Mas pense. Que ele sempre foi bebum, eu sei, mas nem sempre foi velho.”

“E as meninas, quantos anos elas têm?”, perguntei. “Doze, treze? Ou seja, ela tem a nossa idade. Ou um pouco menos.”

“E o Velho Bebum emprenhou a moça quando ela tinha quantos... dezoito?”

“Quando *ele* tinha a nossa idade.”

“Certo. Acho que casar com ele foi perdoável”, disse Boris, dando de ombros. “Dezoito. Mas ela não o deixou, não foi? Como explica isso?”

“Eu sei... É difícil...”

“Hum. Ela é muito alta para mim. Aliás, também é muito alta para o Velho Bebum.”

E nos perguntamos mais uma vez: por que alguém traria a mulher e as filhas para cá? Para cá?

“Este ambiente é mais apropriado para homens”, eu disse.

“Ah, não sei. Algumas mulheres não se importam. Algumas mulheres são iguais a homens. Pense na sua tia Gerda. Ela ia adorar isto aqui.”

“Tia Gerda poderia aprovar em princípio”, respondi. “Mas não ia adorar isto aqui.”

“Você acha que Hannah vai adorar?”

“Tenho a impressão de que não.”

“Não, não mesmo. Mas não se esqueça de que ela é a mulher de Paul Doll e ainda está com ele.”

“Humm... Então talvez ela aceite bem isto”, eu disse. “Espero que sim. Minha aparência *física se dá melhor com mulheres que adoram isto aqui.*”

“... Nós não adoramos isto aqui.”

“Não. Mas temos um ao outro, graças a Deus. Não é pouca coisa.”

“É verdade, meu querido. Você tem a mim e eu tenho você.”

Boris, meu camarada de sempre — enfático, destemido, vistoso, como um pequeno César. Jardim de infância, infância, adolescência e, mais tarde, nossas férias de bicicleta na França, na Inglaterra, na Escócia e na Irlanda, nossa jornada de três meses de Munique a Reggio e, depois, até a Sicília. Só na idade adulta nossa amizade enfrentou dificuldades, quando a política — quando a história — se meteu em nossa vida. Ele disse: “Você... Você vai embora no Natal. Eu fico até junho. Por que não vou para a frente oriental?”. Tomou um gole, fez cara feia e acendeu um cigarro. “Aliás, meu caro, suas chances são zero. Onde, por exemplo? Ela chama demais a atenção. Tenha cuidado. O Velho Bebum pode ser o Velho Bebum, mas também é o Comandante.”

“Hum. Mesmo assim. Coisas mais estranhas já aconteceram.”

“Coisas *muito* mais estranhas já aconteceram.”

Isso. Porque naquela época todo mundo percebia o embuste, o cinismo sarcástico e a hipocrisia estonteante de todas as proibições. Eu disse:

“Tenho uma espécie de plano.”

Boris suspirou e seu olhar se perdeu.

“Primeiro preciso receber notícias de tio Martin. Depois faço meu primeiro movimento. Peão na quarta casa da dama.”

Depois de algum tempo, Boris disse: “Acho que esse peão está frito”.

“Provavelmente. Mas não faz mal tentar, não é?”

Boris Eltz se despediu. Era esperado na estação. Um mês de escala de serviço era sua punição dentro de uma punição por mais uma briga de socos. A estação — o desembarque do trem, a seleção, depois o percurso pelo bosque de bétulas até o Chalezinho Pardo, no Kat Zet II.

“A parte mais sinistra é a seleção”, disse Boris. “Você devia vir com a gente um dia. Pela experiência.”

Almocei sozinho no Rancho dos Oficiais (meio galeto, pêssegos e pudim, sem vinho) e depois me dirigi à minha sala na Buna-Werke. Houve uma reunião de duas horas com Burckl e Seedig, para tratar principalmente do progresso lento dos galpões de produção de carbonetos. Mas também ficou claro que eu estava perdendo minha batalha da redistribuição da força de trabalho.

No fim da tarde, de volta a Kat Zet I, fui ao cubículo de Ilse Grese.

Ilse Grese adorava aquilo ali.

Bati de leve na porta metálica de vaivém e entrei.

Ainda muito jovem (ia fazer vinte anos no mês seguinte), Ilse estava sentada no meio da cama de armar, encurvada e de pernas cruzadas, lendo uma revista, e nem fez menção de desviar os olhos das páginas. Sua farda estava pendurada no prego da viga de metal, sob a qual passei, baixando a cabeça. Ela usava um roupão azul-escuro, de tecido fibroso, e meia cinzenta folgada.

“Ahá! Estou sentindo um cheiro de islandês. Estou sentindo um cheiro de otário.”

Ilse me tratava — talvez tratasse assim todos os seus amigos homens — com uma indiferença zombeteira. Eu costumava tratá-la — e a todas as outras mulheres, pelo menos no começo — com um refinamento exagerado (eu tinha adotado esse estilo para compensar minha aparência física, que algumas, por algum tempo, consideravam intimidante. O cinturão e o coldre de Ilse estavam no chão, junto com seu chicote de couro de boi, enrolado como uma cobra magrela e adormecida.

Tirei o sapato. Ao me sentar e me ajeitar, apoiando-me na curva das costas dela, pendurei em seu ombro um amuleto de perfume importado num cordão folheado a ouro.

“É o otário islandês. O que ele quer?”

“Hum, Ilse, o estado do seu quarto. Você está sempre com uma aparência impecável no trabalho... isso não vou negar. Mas na esfera privada... E você sempre exige ordem e limpeza dos outros.”

“O que é que o otário quer?”

“O que é que se quer?”, perguntei. E prossegui, com pausas pensativas entre as frases. “O que se quer, Ilse, é que você me procure por volta das dez. Lá eu cobrirei você com conhaque, chocolate e presentes caros. Vou escutar você me falando dos seus altos e baixos mais recentes. Minha solidariedade e generosidade logo restaurarão seu senso de proporção. Isto porque senso de proporção, Ilse, é o que se sabe que, muito de vez em quando, lhe falta. Ou pelo menos é o que Boris me diz.”

“... Boris não me quer mais.”

“Um dia desses, ele estava cobrindo você de elogios. Posso ter uma conversa com ele, se quiser. Você vai me procurar, espero, às dez. Depois de conversarmos e de eu tratar você muito bem, haverá um interlúdio amoroso. É isso o que se quer.”

Ilse continuou a ler. Era um artigo que defendia com

veemência, na verdade com raiva, a ideia de que as mulheres não deveriam em hipótese alguma depilar as pernas e as axilas.

Levantei-me. Ela olhou para mim. A boca larga e excepcionalmente ondulada e sinuosa, as órbitas oculares de uma mulher com três vezes a sua idade, a abundância e a energia do cabelo louro-escuro.

“Você é um otário.”

“Passe lá às dez. Você vai?”

“Talvez sim”, ela respondeu, virando a página. “Talvez não.”

O estoque habitacional na Cidade Velha era tão precário que o pessoal da Buna teve de construir uma espécie de vila-dormitório nos subúrbios rurais a leste (a vila contava com uma escola primária e outra secundária, uma clínica, várias lojas, uma lanchonete e um bar, além de dezenas e dezenas de donas de casa desassossegadas). No entanto, logo encontrei um conjunto bem aceitável de quartos, mobiliados com mau gosto, no alto de uma ladeira íngreme perto da praça do mercado. Rua Dzilka, nº 9.

Um problema sério: havia camundongos nos meus cômodos. Depois que os proprietários foram desalojados, o local passou a ser usado como moradia do pessoal da construção por quase um ano, e a infestação se tornou crônica. Embora as criaturinhas não fossem vistas, eu ouvia constantemente o barulho que faziam em gretas e passagens, correndo, chiando, comendo, copulando...

Em sua segunda visita, minha senhoria, a jovem Agnes, trouxe-me um felino grande e macho, negro com manchas brancas, chamado Max, ou Maksik (pronuncia-se Macsich). Max era um famoso caçador de camundongos. Tudo o que eu precisava, disse Agnes, era de uma visita quinzenal de Max. Ele gostava de

um pratinho de leite de vez em quando, mas não havia necessidade alguma de lhe dar qualquer alimento sólido.

Não tardou para que eu aprendesse a respeitar aquele hábil e discreto predador. Maksik parecia vestir-se a rigor: o traje de noite preto, colarinho branco perfeitamente triangular, polainas brancas. Quando se retesava e alongava as pernas dianteiras, as patas se abriam em leque, como margaridas. E toda vez que Agnes o tirava do chão e o levava consigo, Max, tendo passado o fim de semana comigo, deixava atrás de si o mais completo silêncio.

Nesse silêncio, preparei, ou, melhor dizendo, produzi para mim um banho quente (chaleira, panelas, baldes) e procurei ficar especialmente bem vestido e atraente para Ilse Grese. Arrumei numa mesa o conhaque e as guloseimas para ela, além de quatro pares lacrados de meia-calça (ela não gostava de meias comuns), e esperei, contemplando o antigo castelo ducal, negro como Max contra o céu do anoitecer.

Ilse foi pontual. Tudo que ela disse, e com ar levemente trocista e enorme languidez, assim que a porta se fechou, tudo que ela disse foi: “Depressa”.

Até onde fui capaz de concluir, a mulher do Comandante, Hannah Doll, levava as filhas à escola e depois ia buscá-las, mas, afora isso, quase não saía de casa.

Ela não foi a nenhum dos dois *thés dansants* inaugurais; não foi ao coquetel organizado por Fritz Mobius no Departamento Político; e não foi à sessão de cinema em que foi exibida a comédia romântica *Um casal feliz*.

Em cada uma dessas ocasiões, Paul Doll não teve remédio senão comparecer. Fazia isso sempre com a mesma expressão no

semblante: a de um homem que heroicamente dominava seu orgulho ferido. Tinha um jeito de juntar os lábios em bico, como se fosse assoviar, até que (ou assim parecia) alguma convenção burguesa o dominava, e a boca se recompunha.

Mobius perguntou: “Hannah não vem, Paul?”.

Aproximei-me mais.

“Indisposição”, disse Doll. “Você sabe como são essas coisas. O proverbial período do mês.”

“Ah, que pena.”

No entanto, *eu* a avistei muito bem, e por vários minutos, através da rala cerca viva na extremidade da área de esportes (parei de caminhar, fingindo consultar minha caderneta). Hannah estava no gramado, supervisionando um piquenique das duas filhas e de uma amiga delas — a filha dos Seedig, tive quase certeza. As coisas ainda estavam sendo tiradas da cesta de vime. Hannah não se acomodou com elas no tapete vermelho, mas de vez em quando se agachava, para logo se levantar de novo, com um movimento vigoroso dos quadris.

Talvez não no modo de se vestir, mas com certeza na silhueta (e sem que eu pudesse ver seu rosto), Hannah Doll se ajustava ao ideal nacional de feminilidade jovem: imperturbável, ar campestre, feita para a procriação e o trabalho pesado. Graças à minha aparência física, acumulei um amplo conhecimento carnal desse tipo. Eu já havia arregaçado e desfraldado muitos dirmds, o traje típico das tirolesas, como também tirado muitas calcinhas largas e jogado por cima dos ombros muitos tamancos.

Eu? Eu tinha um metro e noventa. Cabelo de uma tonalidade branca de geadas. O declive flamengo do nariz, a prega desdenhosa da boca, a combatividade do queixo, as articulações ortogonais da mandíbula pareciam rebitadas em seus lugares sob

os arabescos mínimos das orelhas. Meus ombros eram retos e largos, o peito uma tábua, a cintura estreita; o pênis extensível, classicamente compactado em repouso (com um prepúcio pronunciado), as coxas sólidas como mastros talhados a machado, as patelas quadradas, as panturrilhas michelangianas, os pés só um pouco menos flexíveis e bem-feitos do que as mãos, grandes lâminas com tentáculos. Para arrematar a panóplia dessas atrações adequadas e convenientes, meus olhos árticos eram azul-cobalto.

Eu só precisava de uma palavra de tio Martin, uma ordem específica de tio Martin na capital — e eu agiria.

“Boa noite.”

“Pois não?”

Na escadinha da *villa* cor de laranja, dei comigo diante de uma mulherzinha esquisita com roupas grossas de tricô (jaqueta e saia) e sapato com fivela brilhante.

“O dono da casa está?”, perguntei. Eu sabia perfeitamente que Doll estava em outro lugar. Ele estava na estação, com os médicos, com Boris e muitos outros, para receber o Trem Especial 105 (havia a expectativa de que o Trem Especial 105 daria trabalho). “Sabe, tenho um assunto de alta prioridade...”

“Humilia?”, disse uma voz. “O que é, Humilia?”

Um deslocamento de ar mais atrás, e lá estava ela, Hannah Doll, outra vez de branco, cintilando nas sombras. Humilia tossiu educadamente e se retirou.

“Madame, desculpe o incômodo”, eu disse. “Sou Golo Thomsen. Prazer em conhecê-la.”

Dedo por dedo, descalcei a luva de camurça e estendi a mão, que ela apertou. Ela disse:

“Golo?”

“Isso. Bem, foi minha primeira tentativa de dizer Angelus. Não me saí bem, como a senhora pode ver. Mas o nome pegou. Nossos erros nos perseguem a vida toda, a senhora não acha?”

“O que deseja, sr. Thomsen?”

“Sra. Doll, tenho um assunto urgente a tratar com o Comandante.”

“Ahn...”

“Não quero ser dramático, mas a Chancelaria tomou uma decisão a respeito de uma questão que, segundo sei, preocupa o Comandante.”

Ela continuou a me fitar, sem esconder que me avaliava.

“Eu vi o senhor uma vez”, disse. “Eu me lembro, porque o senhor não estava fardado. O senhor usa farda? O que faz exatamente?”

“Trabalho na área de ligação”, respondi, com uma leve reverência.

“Se for importante, acho melhor o senhor esperar. Não faço ideia de onde ele está.” Ela deu de ombros. “O senhor aceita uma limonada?”

“Não... Por favor, não quero incomodá-la.”

“Não é incômodo. Humilia?”

Estávamos agora de pé no clarão róseo da sala, com a sra. Doll de costas para a lareira e o sr. Thomsen diante da janela central, olhando para as torres de vigia do perímetro e para trechos da Cidade Velha a meia distância.

“Lindo. Isso é lindo. Por favor”, eu disse, com um sorriso de desculpas. “A senhora guardaria um segredo?”

Seu olhar fixou-se em mim. Vista de perto, ela era mais meridional, de pele mais latina; e seus olhos tinham um tom castanho-escuro pouco patriótico, como caramelo úmido, com um lustre viscoso.

“Bem, eu guardo segredos”, disse. “Quando quero.”

“Ah, ótimo. O fato é que”, eu disse, muito falsamente, “o fato é que me interessa muito por interiores, por mobiliário e

decoreção. A senhora vai entender por que tenho certa dificuldade para falar disso. Não é coisa muito masculina.”

“É, creio que não.”

“Então, foi ideia sua... as superfícies de mármore?”

Minha esperança era desviar a atenção dela e, ao mesmo tempo, fazê-la se movimentar. A partir daí, Hannah Doll pôs-se a falar, a fazer gestos, a ir de uma janela a outra, e tive a oportunidade de reunir mais informações. De fato, ela fora construída numa escala estupenda, num vasto empreendimento de coordenação estética. E a cabeça, o vão da boca, o vigor dos dentes e dos maxilares, o acabamento suave das faces... Tinha a cabeça quadrada, mas bem-feita, com os ossos curvando-se para o alto e para fora.

“E a varanda coberta?”, perguntei.

“Era isso ou o...”

Humilia passou pela porta aberta com a bandeja, o jarro de pedra e dois pratos com bolinhos e biscoitos.

“Obrigada, Humilia.”

Quando ficamos a sós de novo, perguntei a meia voz: “Sua empregada, sra. Doll. Por acaso ela é uma Testemunha?”.

Hannah esperou até que alguma vibração doméstica, não detectável por mim, lhe permitisse dizer, em tom quase normal: “Ela é, sim. Eu não entendo essa gente. Ela tem um ar religioso, o senhor não acha?”.

“Muitíssimo.” O rosto de Humilia era de uma notável indefinição, indefinido no sexo e indefinido na idade (uma mescla nada harmônica de feminilidade e masculinidade, de juventude e velhice), mas, sob o tufo sólido da cabeleira que lembrava um maço de agrião, ela sorria com terrível autossuficiência. “São os óculos sem aro.”

“Que idade o senhor crê que ela tem?”

“Ah... trinta e cinco?”

“Cinquenta. Acho que ela tem esse jeito porque pensa que nunca vai morrer.”

“Humm. Bem, isso seria muito animador.”

“É tudo tão simples!” Ela se curvou, serviu a limonada e nos sentamos, Hannah no sofá estofado, eu nunca cadeira rústica de madeira. “Tudo que ela precisa fazer é assinar um documento, e acabou. Está livre.”

“É. Apenas *abjurar*, como dizem.”

“É, mas o senhor sabe... Humilia não poderia ser mais dedicada às duas meninas. E ela também tem um filho. Um menino de doze anos, que está sob os cuidados do Estado. E tudo o que ela precisa fazer é assinar um formulário e, com isso, ir buscá-lo. Mas ela não faz. Recusa-se.”

“É uma coisa curiosa, não é? Ouvi dizer que eles *gostam* de sofrer.” E me lembrei da descrição que Boris tinha feito de um dos Testemunhas sendo açoitado, preso a um poste... Mas eu não ia divertir Hannah com isso — com a maneira como o homem pedia que o castigassem mais. “Isso satisfaz a fé que eles têm.”

“Imagine.”

“Eles adoram.”

Agora já eram quase sete horas, e a claridade rósea da sala caiu de repente e assim ficou. Eu já tinha colhido muitos sucessos importantes nessa fase do dia, muitos êxitos surpreendentes, quando o crepúsculo, ainda não obstado por lâmpada ou luminária, parece conferir uma licença impalpável — rumores de possibilidades estranhas e oníricas. Seria mesmo tão mal recebido se eu calmamente fosse ter com ela no sofá e, depois de alguns elogios sussurrados, pegasse sua mão e (dependendo de como isso fosse acolhido) encostasse de leve os lábios na base de seu pescoço? Seria?

“Meu marido”, disse ela, e parou como que escutando.

As palavras pairaram no ar e, por um instante, fui sacudido por este lembrete: o fato cada vez mais desconcertante de que o marido dela era o Comandante. Mas me empenhei em continuar me mostrando sério e respeitoso.

“Meu marido acha que temos muito a aprender com eles”, ela disse.

“Com as Testemunhas? O quê?”

“Ah, o senhor sabe”, disse ela num tom neutro, quase sonolento. “A força da fé. A fé inabalável.”

“As virtudes do fervor.”

“É o que se espera de todos nós, não é?”

Recostei-me na cadeira e disse: “Pode-se entender por que seu marido admira o fervor deles. Mas e o pacifismo?”

“Não. Evidentemente, não.” No mesmo tom de voz, ela prosseguiu: “Humilia não lava a farda nem limpa as botas dele. E ele não gosta nada disso”.

“Sei. Aposto que não.”

Nesse ponto, percebi o quanto a invocação do Comandante baixara o tom desse encontro muito promissor e, na verdade, docemente prazeroso. Por isso, apertei as mãos uma na outra, sem ruído, e disse:

“Seu jardim, sra. Doll. Podemos vê-lo? Acho que tenho outra confissão um tanto vergonhosa a fazer. Adoro flores.”